



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

11 DE MARÇO  
PALÁCIO NARIÑO  
BOGOTÁ — COLÔMBIA  
DISCURSO AO SER CONDECORADO  
COM O GRANDE COLAR DA ORDEM  
DE BOYACÁ

Excelentíssimo Senhor Presidente da República  
da Colômbia, Júlio César de Turbay Ayala:

Com profunda emoção, recebo das mãos de Vossa Excelência o Grande Colar da Ordem de Boyacá, insígnia suprema com que a generosidade colombiana quis enaltecer e distinguir, por meu intermédio, a Nação brasileira.

Aceite, Senhor Presidente, os meus agradecimentos mais sinceros por esta singular prova de amizade e apreço, que me honra e desvanece. Vem ela coroar as numerosas homenagens e atenções de que eu e minha comitiva temos sido cumulados, desde que pisamos o solo hospitaleiro de Bogotá.

Aceite, igualmente, Senhor Presidente, o meu reconhecimento pelas palavras que Vossa Excelência acaba de proferir, inspiradas na mais espontânea e genuína simpatia.

Ao receber esta Ordem, que perpetua o nome da memorável Batalha da Ponte de Boyacá, não posso deixar de evocar a lembrança de um velho soldado brasileiro de alma latino-americana, o General José Ignácio de Abreu e Lima. Ombro a ombro com seus camaradas desta terra valorosa, Abreu e Lima cobriu-se de glória naquela jornada histórica.

Meio século depois, recordando os feitos da Independência de que participara ao lado do Libertador Simón Bolívar e do General Santander, afirmava Abreu e Lima em carta escrita em espanhol:

«Hice de Colombia mi patria, asistí a la infancia de Colombia en Nueva Granada, soy de los pocos de Boyacá! Conservo aún la misma medalla que me dió Santander, de su uso, con la esmeralda de Muzo, por el arrojio con que pisé el puente con los Guias, creo que de Muji-ca. Tengo orgullo en haber servido a Colombia. Hago gala de mis cruces de Boyacá».

Da mesma forma os representantes oficiais do Brasil já independente falariam a linguagem da solidariedade latino-americana.

Este é, na verdade, o sentido das instruções enviadas em 1829 ao nosso primeiro Ministro Plenipotenciário em Bogotá.

Após lembrar a determinação com que o Imperador apoiava a causa americana, o Governo brasileiro recomendava ao seu representante não perder ocasião de estabelecer com o governo da Colômbia e agentes diplomáticos aqui sediados «relações fixas e permanentes, até por meio de Tratados que pouco vão lançando as bases de um Sistema Americano».

Tais sentimento encontraram pronta receptividade na então República da Grã-Colômbia.

Nesta mesma Cidade de Santa Fé de Bogotá, há mais de 150 anos, o Ministro Plenipotenciário brasileiro Luiz de Souza Dias apresentava, em 30 de março de 1830, suas credenciais.

E pôde ouvir de Bolívar, em seu discurso de acolhimento, a definitiva evidência da compreensão do papel brasileiro no Continente, «es una de las garantías más poderosas que han recebido las repúblicas de América, en la carrera de sua independencia».

Senhor Presidente,

Encontra-se na diversidade a riqueza da Colômbia. Na multiplicidade de seus aspectos. Em sua vocação ao mesmo tempo andina e amazônica. Em suas vertentes atlântica e pacífica. Em sua projeção no Caribe. No polícentrismo de seu povoamento, que implantou vários núcleos dinâmicos irradiadores de progresso.

Daí a predestinação da Colômbia a ser palco de convivência harmônica de regiões e personalidades autônomas, verdadeira ponte de contato e entendimento. Daí representar este país, de certo modo, toda a rica variedade latino-americana.

Essa visão ampla do mundo de que se pode orgulhar a Colômbia, sua aceitação da diversidade, sua atitude lúcida na avaliação do panorama contemporâneo, decorre também do papel que sempre teve, ainda à época colonial, nos estudos humanísticos, nas letras, nas artes, na vocação de seu espírito para a dimensão ética e estética da vida.

Por sua disposição para a convivência, por seu reconhecido senso de moderação, a Colômbia presta inestimável contribuição a toda a América Latina.

Vivemos um momento histórico em que se multiplicam os riscos e em que predomina a sensação de crise. Por isso mesmo, pouco servem as fórmulas unilaterais ou fechadas, as soluções simplistas.

Em nossa região, apesar de todas as dificuldades internacionais, e como países irmãos que somos, buscamos juntos articular uma participação mais eficaz e sistemática nas questões internacionais e interamericanas.

A América Latina tem longa tradição de engajamento criativo nos negócios internacionais. Nossas propostas de convivência são sólidas e bem estruturadas. Nossos interesses e aspirações podem e devem ser realizados.

Nossa participação, portanto, estará sempre interessada em impulsionar o processo de mudança internacional. E por termos irrenunciável compromisso com a causa da paz e do desenvolvimento, nossa atitude será sempre marcada pela serenidade, pelo descontraimento e pela vontade de dialogar.

Outro padrão de comportamento latino-americano é a busca permanente de empreendimentos equilibrados de cooperação. Essa opção torna os nossos países objeto de confiança internacional, como tão bem exemplificava a ação colombiana, ao mesmo tempo conciliadora e criadora, dentro e fora do âmbito regional. Nossas diferenças regionais, quando existem, têm sido sanadas com o recurso ao pleno diálogo diplomático.

Partimos do respeito à nossa diversidade, às marcantes individualidades que compõem a história comum, para articular e conjugar internacionais.

Sei que o exemplo e as boas intenções não são tudo nesse cenário. A participação dos países em desenvolvi-

mento nos negócios internacionais encontra sérios entraves, mas, vejo que o meio natural de ação latino-americana é a criação de condições de negociar com bases próprias.

A transferência das tensões globais para os quadros regionais e a exacerbação de ideologias transnacionais deformam gravemente a compreensão e o encaminhamento dos problemas. Tornam-se instrumento de desavenças e cisões. Abrem caminho para o intervencionismo.

No entanto, a experiência indica que os intentos de hegemonia, de patrocínio político, de transposição mecânica de modelos já se mostraram fracassos cabais.

É importante, pois, repudiá-los. Afastar os diagnósticos que exageram temores e esquecem as raízes reais dos problemas, que negam as necessidades de superação de situações injustas. Ou — igualmente tão grave — que apregoam uma fórmula inexorável de transformação da realidade.

Haverá, ainda, paralelamente, outros tantos fatores econômicos que limitam as nossas possibilidades de agir.

Entre os países em desenvolvimento, as fórmulas de cooperação se multiplicam. O Brasil mesmo tem estimulado a cooperação Sul-Sul. Ela, porém, não será suficiente.

É fundamental recompor as forças, insistir em que siga adiante, em bases realistas, o diálogo com os países industrializados.

Estes devem compreender que a existência de importantíssimos interesses mútuos entre o Norte e o Sul permitirá abrir espaço para o atendimento de reivindicações dos países em desenvolvimento.

Tantas dificuldades não permitem esmorecimento. Exigem, ao contrário, mais participação, mais criatividade e mais capacidade de convencimento.

O caminho para esse esquema de participação deve envolver projetos de transformação e de progresso. E, para isso, penso que o fundamental será compor nossa ação internacional em moldes rigorosamente fiéis aos nossos povos e aos nossos modos de ser e de pensar.

A tarefa não é simples. Significará, de um lado, dispensar as utopias simples, ou automatismos mecânicos. A conciliação de vontades de muitas nações é tarefa ingrente. Implicará, de outro lado, abandonar as atitudes derrotistas, que se acanham diante dos desafios da conjuntura e que não contemplam as possibilidades de mudança.

Faço essas reflexões, que simplesmente retomam temas forjados pela história latino-americana, num momento especialmente importante para o continente.

Reiniciamos o trabalho de integração; aprofundamos a experiência com fórmulas sub-regionais, as quais, pelo que já fizeram em prol do desenvolvimento e da paz, deve ser estimuladas; aceitamos os caminhos da negociação quando algumas desavenças enraizadas emergiram, e soubemos, com nossos próprios meios, buscar as sendas do reencontro entre vizinhos.

Entendemos a relevância dos exemplos para que os ideais institucionais encontrem melhores condições de execução. As molduras internacionais bem construídas são elemento indispensável para a mais fácil realização dos processos internos. Não será por conselhos ou interferências, mas pela boa convivência, pela redução das

tensões, pela cooperação igualitária, que ajudaremos no contesto de nossos ideais permanentes o desenvolvimento dos processos internos das nações latino-americanas.

Senhor Presidente,

Nesse mesmo quadro, as relações bilaterais entre a Colômbia e o Brasil vigorosamente se intensificam, sempre à volta de alguns pontos fundamentais de cristalização.

Em torno da produção e exportação do café, tivemos papel pioneiro ao unir esforços para a assinatura do Acordo do Café, primeiro acordo de estabilização de mercado para um produto essencial aos países em desenvolvimento.

Marcamos nossa presença com o Tratado de Cooperação Amazônica e com a cooperação bilateral entre nossos países. Acertamos dispositivos fundamentais a fim de que se reafirme a responsabilidade exclusiva dos países amazônicos para com o aproveitamento econômico da região e a superação do desafio tecnológico que representa.

No campo do desenvolvimento, batem-se Colômbia e Brasil pelo progresso econômico e social. Resta agora aos dois países canalizar sua criatividade para a ampliação e o aprofundamento de fórmulas originais e promissoras, como o Acordo do Carvão; devem também descobrir novas formas da cooperação no domínio da ciência e da tecnologia.

Plantar o marco inicial de uma nova e dinâmica etapa nas fraternas relações entre o Brasil e a Colômbia — eis, a meu ver, a significação fundamental de minha presença neste magnífico país em atendimento ao convite que Vossa Excelência tão generosamente me estendeu.

Minha visita vem reforçar uma simpatia e um desejo de entendimento que datam de antes da luta pela independência de nossos povos.

Nesse espírito, e em nome de todos os brasileiros, ergo minha taça pela crescente prosperidade da nação colombiana, pelo estreitamento ainda maior das relações entre o Brasil e Colômbia, e pela felicidade pessoal de Vossa Excelência e da Senhora de Turbay Ayala.